

Building the way

A FANTASIA COMO FERRAMENTA CRÍTICA: SUBVERSÃO E SENTIDO NA LITERATURA FANTÁSTICA CONTEMPORÂNEA

FANTASY AS A CRITICAL TOOL: SUBVERSION AND MEANING IN CONTEMPORARY FANTASTIC LITERATURE

Marcus Paulo de Oliveira Rodrigues¹ 

RESUMO

Esta investigação analisa a literatura fantástica contemporânea como um espaço capaz de produzir releituras críticas da realidade. Diferente da visão que reduz o fantástico ao escapismo, argumenta-se que o gênero mobiliza formas próprias de conhecimento e interpretação, atribuindo à imaginação um papel decisivo na construção de sentidos. A discussão articula referenciais teóricos de autores como Tzvetan Todorov, Farah Mendlesohn, Umberto Eco, J.R.R. Tolkien, Carl Jung, Mircea Eliade, Paul Ricoeur e Mikhail Bakhtin, em diálogo com obras de ficcionistas como Leonel Caldelas e André Vianco. A partir desse conjunto, delineia-se como a fantasia problematiza noções de identidade, temporalidade, espacialidade e verdade, funcionando como uma narrativa capaz de tensionar os limites do real. A pesquisa, de base bibliográfica e teórico-interpretativa, adota uma perspectiva transdisciplinar que envolve literatura comparada, filosofia da linguagem e estudos do imaginário. Conclui-se que, ao romper com convenções miméticas e instaurar universos simbólicos próprios, a fantasia convoca o leitor a uma experiência de estranhamento e reflexão, revelando sua potência crítica e sua capacidade de desnaturalizar o mundo vivido.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura fantástica; Crítica simbólica; Imaginação subversiva; Arquétipo; Hermenêutica da fantasia.

ABSTRACT

¹Mestre em Letras, área de estudos de Literatura e Crítica Literária, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO); Doutorando em Letras, área de estudos de Estudos Literários, pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

marcusrodrigues645@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/3835293692783057>

<https://orcid.org/0000-0002-1444-8725>

Building the way

This study examines contemporary fantastic literature as a narrative space capable of producing critical reinterpretations of reality. Contrary to perspectives that classify fantasy as mere escapism, the analysis argues that the genre operates with its own epistemological and interpretative modes, assigning a central role to imagination in the construction of meaning. The discussion draws on theoretical contributions from Tzvetan Todorov, Farah Mendlesohn, Umberto Eco, J.R.R. Tolkien, Carl Jung, Mircea Eliade, Paul Ricoeur, and Mikhail Bakhtin, in dialogue with works by authors such as Leonel Caldelas and André Vianco. Together, these references reveal how fantasy challenges conventional notions of identity, temporality, spatiality, and truth, functioning as a narrative that destabilizes established understandings of the real. The research adopts a bibliographic and theoretical-interpretative approach, grounded in a transdisciplinary perspective that includes comparative literature, philosophy of language, and studies of the imaginary. The study concludes that, by breaking with mimetic conventions and creating its own symbolic universes, fantasy invites readers into an experience of estrangement and reflection, highlighting its critical potential and its ability to denaturalize lived reality.

KEYWORDS: Fantastic literature; Symbolic criticism; Subversive imagination; Archetype; Hermeneutics of fantasy.

Considerações iniciais

A literatura fantástica passou, durante muito tempo, por um processo de marginalização dentro dos estudos acadêmicos. Frequentemente associada ao escapismo infantil, foi tratada como um gênero menor, incapaz de dialogar com questões complexas da experiência humana. Entretanto, nas últimas décadas, essa percepção tem mudado de maneira significativa. A fantasia ressurge como um espaço produtivo para a crítica simbólica, para a revisão do sensível e para a problematização do real. Esse movimento exige revisitar o modo como o gênero é compreendido, reconhecendo que sua força não está na fuga do mundo, mas na possibilidade de ampliá-lo e tensionar suas categorias de percepção, racionalidade e historicidade.

Esse deslocamento ocorre em um contexto de profundas transformações culturais, marcado pela aproximação entre real e virtual,

Building the way

ficcional e histórico. Nesse cenário, o fantástico ganha nova legitimidade enquanto linguagem complexa e sensível às inquietações contemporâneas. Autores como Todorov (1975) e Mendlesohn (2008) são fundamentais nesse processo ao propor que o fantástico ultrapasse a ideia de mera estrutura formal e passe a operar como uma forma de olhar. Ao instaurar zonas de dúvida e indeterminação, a fantasia questiona o pacto de realidade que sustenta as narrativas miméticas e abre espaço para novas interpretações do mundo.

Ao recriar a realidade por meio da ficção, a literatura fantástica propõe uma forma própria de verdade, uma verdade que, como destaca Paul Ricoeur (1994), nasce da potência simbólica da narrativa de redescrver o vivido. Nesse horizonte, a imaginação deixa de ser acessório e se torna ferramenta cognitiva e ética. É ela que permite acessar o que está ausente, sugerir outras possibilidades de existência e criar distanciamentos que revelam o que foi naturalizado. A fantasia, portanto, não se limita a inventar mundos alternativos: ela oferece outras maneiras de pensar, agir e habitar o mundo, instituindo uma política da imaginação e uma estética da subversão.

Com isso, o fantástico pode ser entendido como uma tecnologia narrativa que desestabiliza códigos, desafia sistemas de sentido e conduz o leitor a uma experiência de estranhamento. Ao mobilizar mitos, arquétipos, tempos múltiplos e espaços liminares, o gênero constrói uma linguagem voltada para a ruptura uma hermenêutica do possível que ultrapassa o plano estético e se projeta como forma de questionamento ontológico.

Este artigo se insere nesse debate ao analisar a literatura fantástica contemporânea como ferramenta crítica de reconfiguração simbólica e elaboração de sentidos. Para isso, dialoga com autores como Leonel Caldelas e André Vianco, articulando suas obras às contribuições teóricas de Todorov, Mendlesohn, Tolkien, Jung, Eliade, Eco, Nikolajeva, Ricoeur, entre outros. Trata-se de uma investigação qualitativa e teórico-interpretativa, sustentada por revisão bibliográfica e análise comparativa. Parte-se da hipótese de que a fantasia, ao propor mundos possíveis, atua também como linguagem política e hermenêutica, capaz de tensionar estruturas ideológicas, epistemológicas e narrativas que moldam a modernidade.

A ontologia do fantástico: hesitação, ruptura e reconfiguração do real

A literatura fantástica, desde suas primeiras formulações teóricas, tem colocado em tensão as fronteiras entre o real e o imaginário. Quando Tzvetan Todorov (1975) define a hesitação como o núcleo estrutural do fantástico, ele não está apenas descrevendo um efeito

Building the way

produzido no leitor. Sua proposta aponta para algo mais profundo: a percepção de que o mundo, tal como o compreendemos, é frágil e pode vacilar. É nesse ponto de falha nesse intervalo de incerteza que a fantasia emerge com força.

Essa instabilidade entre o natural e o sobrenatural vai além de um recurso literário. Ela expressa um modo de pensar que questiona a rigidez das categorias modernas de realidade. Farah Mendlesohn (2008), ao elaborar uma tipologia mais ampla do fantástico como o portal fantasy ou a liminal fantasy demonstra que essas narrativas não se limitam a introduzir elementos impossíveis. Elas alteram o próprio horizonte do possível, deslocando expectativas e oferecendo novas formas simbólicas de compreender o mundo.

J. R. R. Tolkien (2006), com o conceito de “subcriação”, aprofunda ainda mais essa perspectiva. Para ele, criar mundos secundários não significa abandonar o real, mas iluminá-lo por contraste. A imaginação, nesse sentido, possui uma dimensão ética: ao inventar aquilo que não existe, o autor fantástico nos conduz a reconsiderar o que tomamos como dado. A fantasia evidencia lacunas, silêncios e zonas esquecidas da experiência, revelando que o real não é uma totalidade fechada, mas algo em constante reconfiguração.

O fantástico dura apenas o tempo de uma hesitação: hesitação comum ao leitor e à personagem, que devem decidir se o que percebem deriva ou não da ‘realidade’, tal como ela existe para a opinião corrente. Se optamos por uma explicação natural dos acontecimentos descritos, deixamos o fantástico para entrar no estranho; se, ao contrário, admitimos o sobrenatural, entramos no maravilhoso. O fantástico ocupa, portanto, o tempo dessa incerteza; ele é o vacilar das fronteiras que se acreditavam estáveis, a suspeita de que o mundo pode, por um breve momento, escapar às suas regras habituais (Todorov, 1975, p. 31).

Essa formulação é reveladora porque mostra que a fantasia, para Tolkien, não representa apenas um afastamento do mundo empírico. Ela aponta para um segundo eixo de criação, simbólico e autônomo, cuja legitimidade nasce justamente de sua capacidade de operar com outras formas de sentido. A subcriação, portanto, não se limita ao plano estético: ela incorpora também uma dimensão teológica, ao recriar o mundo não para negá-lo, mas para iluminá-lo por contraste. Nesse gesto, evidencia aquilo que a realidade cotidiana frequentemente oculta seus limites, fissuras e possibilidades esquecidas.

Building the way

Com isso, torna-se possível compreender a subcrição não como uma cópia imperfeita da criação divina, mas como uma resposta simbólica à condição humana de finitude. É por meio desse exercício imaginativo que o autor fantástico participa de uma ontologia ampliada, na qual o ato poético se transforma em um modo de instaurar significado. O escritor, como um artesão do possível, modela mundos em que tempo, espaço, causalidade e identidade obedecem a lógicas próprias, muitas vezes marcadas pelo mito e pelo arquétipo. Essas lógicas não rompem com o real; elas o refratam. Funcionam como lentes críticas que multiplicam suas formas e revelam novas maneiras de narrar e existir.

Esse movimento aproxima a reflexão tolkieniana das proposições hermenêuticas de Paul Ricoeur (1994). Para o filósofo, a ficção possui o poder de refigurar a experiência humana, criando modelos simbólicos que desafiam a primazia do empírico e ampliam o horizonte de compreensão do mundo vivido. A fantasia, nesse sentido, não se limita a inventar aquilo que não existe. Ela propõe outras formas de habitar o real, desestabilizando certezas e conferindo à imaginação um papel cognitivo. A verdade que dela emerge não é a verdade verificável da razão instrumental, mas aquela que se manifesta na densidade do mito, no jogo dos signos e na ambivalência das narrativas.

Desse modo, a fantasia opera como uma linguagem de mediação entre o visível e o invisível entre o que o mundo mostra e o que ele oculta. Ela trabalha com excessos, restos e sobras do real, abrindo espaço para experiências que não cabem nos modelos tradicionais de racionalidade. Por isso, falar em subcrição implica também falar em uma ética da criação: uma responsabilidade diante da forma, do símbolo e do próprio leitor. Esse leitor é conduzido a transitar por zonas de instabilidade ontológica e a confrontar o que parecia naturalizado. Muitas vezes, esse percurso resulta em revelação não no sentido religioso, mas como desvelamento crítico de camadas da experiência.

Arquétipos, mitos e a poética do estranhamento

Se a fantasia atua como ferramenta crítica, isso não ocorre apenas pela ruptura que estabelece com o real empírico, mas também pela forma como mobiliza sua matéria simbólica mais profunda: mitos, imagens primordiais e estruturas arquetípicas. Esses elementos não aparecem como adornos narrativos. Eles funcionam como dispositivos antropológicos que condensam experiências coletivas e modos de perceber o mundo.

Carl Jung (2000), ao formular o conceito de inconsciente coletivo, descreve esses arquétipos como o herói, a sombra, o velho sábio, entre tantos outros como matrizes universais que atravessam culturas e

Building the way

temporalidades. Não se trata de simples figuras literárias, mas de padrões simbólicos que organizam expectativas, conflitos e possibilidades de transformação. Quando a literatura fantástica convoca esses modelos, ela se conecta a camadas profundas da psique e da cultura.

No entanto, a fantasia contemporânea não se limita a repetir esses arquétipos de forma tradicional. Ela os torce, desloca e reinterpreta. Em muitos casos, subverte sua função original, revelando tensões éticas, políticas ou existenciais que estavam ocultas na matriz arquetípica. É essa reinterpretação crítica que produz o efeito de estranhamento: ao apresentar figuras reconhecíveis, mas em configurações inesperadas, a fantasia convida o leitor a rever o que parecia estável ou dado.

Os arquétipos são sistemas de disposição psíquica que se configuram como imagens e motivos que se repetem ao longo da história. Eles constituem formas típicas que aparecem em todas as épocas e em todos os lugares e que, mesmo quando não são entendidas racionalmente, exercem uma influência poderosa sobre a imaginação humana. Essas imagens primordiais não são invenções individuais, mas expressões espontâneas da psique coletiva, surgidas de estruturas profundas que antecedem a consciência e orientam o modo como percebemos e organizamos a experiência (Jung, 2000, p. 67).

Essa formulação ajuda a compreender por que a fantasia contemporânea costuma tensionar, e não repetir, os padrões arquetípicos. Em *O Inimigo do Mundo*, de Leonel Caldelas, o arquétipo do herói é deliberadamente fraturado: não há pureza, missão luminosa ou certeza moral. O protagonista encarna simultaneamente o redentor e o destruidor, como se o arquétipo estivesse em combustão interna. Essa ambiguidade não o enfraquece; ao contrário, amplia sua densidade humana e crítica. A fantasia, nesse movimento, usa os arquétipos para questionar justamente os sistemas de valor que os sustentam.

Maria Nikolajeva (2010), ao estudar a literatura fantástica voltada ao público jovem, observa que os mitos servem tanto como estrutura narrativa quanto como campo de conflito ideológico. Para ela, “os arquétipos não são neutros: carregam consigo visões de mundo, padrões de autoridade, concepções de identidade e alteridade” (Nikolajeva, 2010, p. 87). Assim, reescrever o herói, o monstro ou o sábio significa também reescrever as formas de compreender o poder, o mal e o conhecimento em outras palavras, reescrever a própria cultura.

André Vianco oferece outro exemplo desse processo ao retrabalhar o mito do vampiro para além da tradição gótica. Em suas

Building the way

narrativas, o vampiro não é apenas o outro monstruoso; torna-se figura da violência estrutural, símbolo do subalterno que retorna. O mito funciona como um palimpsesto cultural: um texto sobre o qual novas camadas são inscritas sem apagar completamente as anteriores. O vampiro de Vianco é, ao mesmo tempo, Nosferatu e periferia urbana uma fusão entre o mítico e o histórico, o simbólico e o político.

A esse movimento se soma o que Viktor Shklovsky chamou de estranhamento (*ostranenie*): um recurso estético que torna o familiar estranho e, assim, força o leitor a olhar o cotidiano por outra perspectiva. O fantástico opera exatamente nesse espaço, deslocando o comum para dentro do insólito. A fantasia não cria apenas novos mundos; ela distorce o conhecido. Nesse gesto, revela a artificialidade daquilo que se apresenta como natural. Como afirma Umberto Eco (1993), “a literatura não diz o que as coisas são, mas o que elas poderiam ser vistas como sendo” (Eco, 1993, p. 59). Esse “poderiam ser” constitui o núcleo crítico da fantasia.

Por fim, a articulação entre arquétipos, mitos e estranhamento não busca restaurar uma ordem anterior, mas instaurar novas formas de significação. A fantasia, ao reescrever seus símbolos, desestabiliza o imaginário coletivo e inaugura um regime de leitura em que o impossível não nega a realidade antes, a ilumina e a torna mais crítica, mais reflexiva e, em certos aspectos, mais verdadeira.

Hermenêutica da fantasia e política da imaginação

Ao reconfigurar categorias como realidade, identidade e temporalidade, a literatura fantástica exige mais do que uma leitura estética ou estrutural. Ela convoca um gesto hermenêutico. Interpretar a fantasia significa reconhecer que seu valor não está apenas na criação de mundos alternativos, mas na instauração de sentidos simbólicos que ultrapassam a superfície da narrativa. Nesse processo, a fantasia funciona como uma linguagem interpretativa da condição humana, uma semiótica da ambivalência, na qual os signos não apontam para certezas, mas para possibilidades de sentido.

Paul Ricoeur (1994) argumenta que o imaginário não ocupa um lugar secundário diante da razão. Ele constitui um espaço legítimo de produção de verdade, pois é capaz de reorganizar a experiência por meio de narrativas que não somente representam o vivido, mas o transformam. Para o filósofo, a ficção simbólica realiza um trabalho de “refiguração” do mundo, produzindo novas formas de compreender o real a partir da mediação narrativa. Nesse sentido, a fantasia torna-se um dispositivo crítico de interpretação, capaz de revelar o que está latente, oculto ou naturalizado.

Building the way

A ficção não é a simples negação da realidade, mas um desvio que permite atingir uma dimensão mais profunda do real. Ao introduzir variações imaginativas, a narrativa abre espaço para um mundo possível no qual a experiência humana pode ser reescrita. Essa capacidade de redescrição não copia o vivido, mas o transforma, oferecendo novas configurações de sentido e permitindo que o leitor comprehenda sua própria existência de maneira renovada. A narrativa, nesse horizonte, deixa de ser um espelho do real para tornar-se um laboratório de formas, onde o mundo é experimentado de novo e, por isso, reinterpretado.” (Ricoeur, 1994, p. 75).

Essa concepção desloca a fantasia para o campo da hermenêutica e da ética. Seu papel não é o de oferecer uma fuga do mundo, mas de propor novas categorias para compreendê-lo, categorias que permitem imaginar não apenas como ele é, mas como pode ser narrado, simbolizado e transformado. Ao apresentar possibilidades narrativas alternativas, a fantasia amplia o campo do pensável e do sensível.

Essa leitura se torna ainda mais produtiva quando observamos que os mundos fantásticos são marcados por disputas éticas e ontológicas. A organização simbólica dessas realidades ficcionais nunca é neutra: ela revela tensões, ideologias e modos específicos de conceber poder, autoridade, alteridade e justiça. Nessa perspectiva, a fantasia não se limita a ser lida, ela interpreta o leitor. Desloca seu ponto de vista, desmonta certezas e o obriga a renegociar seus pactos com o mundo empírico. Mais do que um espelho, a fantasia produz um movimento de desidentificação, um convite a estranhar o que parecia familiar.

Jack Zipes (2007) aprofunda esse debate ao compreender a fantasia como uma ferramenta política da imaginação. Para ele, tanto os contos de fadas quanto as narrativas fantásticas operam como arenas ideológicas, onde se naturalizam ou contestam visões de mundo. Ele observa que “a fantasia radicaliza a imaginação ao revelar que o impossível é apenas uma construção social do possível” (Zipes, 2007, p. 41). Essa formulação é decisiva, pois devolve ao gênero um potencial transformador que não depende da ruptura direta com a realidade, mas de uma erosão simbólica capaz de desestabilizar seus fundamentos.

Esse gesto crítico torna-se ainda mais evidente quando a fantasia desloca o centro de sua narrativa para figuras e mundos marginalizados. O “outro”, o monstro, o híbrido, o mestiço, o órfão, deixa de ser uma alegoria distante para se tornar operador narrativo que questiona identidades rígidas. Ao dar voz ao inominável, ainda que de forma

Building the way

precária, a fantasia torna inteligíveis experiências que habitam a periferia do imaginário dominante. Desenha-se, assim, uma política do sensível, que não se exerce por meio do discurso direto, mas pela criação de universos onde as leis simbólicas do nosso mundo são suspensas, alteradas ou reinventadas.

Essa suspensão, contudo, não elimina a realidade; ao contrário, torna visível aquilo que nela havia de naturalizado. Ao propor novos modos de ordenamento simbólico, a fantasia atua como crítica imanente do real. Como afirma Umberto Eco (1993), “a função da obra aberta é permitir a emergência de sentidos latentes” (p. 84). A fantasia, enquanto obra aberta por excelência, desestabiliza fechamentos interpretativos e inscreve o leitor em uma experiência que é simultaneamente estética, política e existencial.

Interpretar a fantasia, portanto, significa aceitar o convite para pensar o real como construção e, por isso mesmo, como espaço de transformação. A política da imaginação reside precisamente nessa recusa das verdades fossilizadas e na insistência em inventar, narrar e performar mundos que ainda não existem. Nesse horizonte, a fantasia não é uma fuga do mundo, mas uma convocação a reinventá-lo.

Literatura fantástica brasileira e crítica contemporânea: deslocamentos simbólicos e vozes periféricas

Embora o imaginário fantástico tenha se estruturado historicamente a partir de modelos anglo-europeus, a literatura brasileira contemporânea revela um movimento de apropriação crítica dessas formas. Autores brasileiros não apenas incorporam elementos do cânone, mas os deslocam, tensionam e reescrevem a partir de experiências locais, históricas e culturais. Surge, assim, uma fantasia que dialoga com as convenções do gênero, mas que também as corrompe e reconfigura, incorporando marcas de violência social, fraturas simbólicas e instabilidades próprias do contexto brasileiro.

Nesse cenário, escritores como André Vianco e Leonel Caldelas desempenham papel central. Suas narrativas, ambientadas em espaços urbanos degradados e marcados por dilemas morais complexos, produzem uma inflexão crítica no fantástico. O sobrenatural se aproxima do traumático; o épico se entrelaça com a ruína; o heroico, com a precariedade da vida nas margens sociais. Essa fusão tensiona a herança do gênero e cria um modelo de fantasia que não apenas diverte, mas confronta uma fantasia que fala das feridas abertas do país. Andréa Bellini (2021), ao analisar esse deslocamento na literatura fantástica brasileira, observa:

Building the way

A fantasia brasileira contemporânea opera um descentramento político e simbólico ao deslocar o eixo tradicional do gênero. Ao invés de mundos idealizados, encontramos espaços marcados por fraturas sociais, desigualdade e violência estrutural. Essa ambientação não reduz a potência imaginativa do fantástico, mas a redireciona: o maravilhoso não se apresenta como fuga, e sim como lente que revela aspectos profundos de um real que insiste em se ocultar. Nesse processo, os arquétipos clássicos são tensionados, reconfigurados e, muitas vezes, invertidos, permitindo que vozes periféricas e narrativas silenciadas adquiram centralidade (Bellini, 2021, p. 112).

Essa hibridez literária produz uma estética do confronto, na qual a figura monstruosa não representa apenas o outro mítico, mas atua como espelho distorcido daquilo que a sociedade tenta ocultar: o marginalizado, o racializado, o desumanizado. Ao trabalhar com essas imagens, os autores brasileiros não se afastam da realidade que eles a expõem. A fantasia, nesse caso, revela aquilo que o discurso social tenta apagar e transforma o insólito em chave de leitura para o trauma, a exclusão e a violência estrutural.

Essa perspectiva dialoga com as reflexões de Flora Sussekind (2004), que, ao analisar a literatura brasileira contemporânea, destaca como o imaginário nacional é atravessado por tensões entre modernidade e arcaísmo, entre promessas de progresso e experiências contínuas de descontinuidade. Em um de seus ensaios mais expressivos, a autora observa:

A literatura brasileira recente tem revelado, de maneira cada vez mais explícita, a convivência incômoda entre projetos de modernização e permanências arcaicas. No interior das narrativas, essas forças colidem, produzindo representações marcadas por cortes, descompassos e zonas de sombra. É justamente nessa fricção que emergem figuras e situações que desestabilizam a ordem discursiva dominante, apontando para fissuras sociais que a retórica do progresso tenta, sem sucesso, suturar (Sussekind, 2004, p. 58).

Essa percepção ganha força na fantasia brasileira contemporânea, onde os mundos imaginários não aparecem como totalidades estáveis, mas como zonas liminares marcadas pela tensão entre o épico e o precário. Em André Vianco, o vampiro emerge do subúrbio e carrega consigo os sinais da exclusão, da violência institucionalizada e de uma espiritualidade corroída. Em Leonel Caldelas,

Building the way

o herói se confunde com o inimigo, a jornada se fragmenta e a salvação torna-se improvável. Ambos trabalham com restos de mitos universais e de histórias nacionais fragmentos de um imaginário ferido, mas ainda capaz de produzir sentido.

A fantasia brasileira, nesse contexto, afirma-se como um espaço de reinvenção política e estética. Ao mesmo tempo em que rompe com o modelo universalista do gênero, ela se apropria de seus mecanismos simbólicos para dar voz ao dissenso, à fratura e ao indizível. O resultado é uma poética da reescrita: uma escrita das margens, dos ruídos e dos fantasmas que atravessam o texto, mesmo quando tudo parece empenhado em silenciá-los.

Considerações finais

A literatura fantástica, por muito tempo associada ao escapismo ou ao entretenimento juvenil, revela-se, na contemporaneidade, como um dos dispositivos críticos mais complexos para pensar a experiência humana. Longe de se limitar à invenção de mundos ou ao uso ornamental de símbolos, a fantasia opera tensionamentos profundos: desloca estruturas narrativas, corrompe convenções, subverte arquétipos e reinscreve formas simbólicas dentro de uma lógica que desafia as epistemologias consolidadas do real.

Neste estudo, buscou-se demonstrar que a fantasia é uma linguagem de reconfiguração estética, simbólica e política. Para isso, articulou-se um diálogo entre teoria literária, filosofia da linguagem, psicologia analítica e crítica cultural, mobilizando autores que oferecem leituras complementares do gênero. Todorov, com a noção de hesitação, evidenciou a instabilidade entre o natural e o sobrenatural. Mendlesohn mostrou como o leitor participa ativamente da construção do insólito. Tolkien elevou a fantasia ao estatuto de gesto ontológico, ao compreender a subcrição como um modo de iluminar o real por contraste. Ricoeur destacou o poder ético e cognitivo da ficção. Jung reforçou o alcance simbólico dos arquétipos. Zipes e Nikolajeva revelaram as camadas ideológicas que atravessam mitos, heróis e monstros. Eco lembrou que a literatura, ao propor outras possibilidades de ser, amplia o campo do imaginável.

No cenário brasileiro, essa potência simbólica assume contornos específicos. Autores como André Vianco e Leonel Caldela tensionam o modelo eurocêntrico da fantasia ao inserir o insólito em territórios marcados por violência urbana, desigualdade estrutural e fissuras históricas. Em Vianco, o vampiro se torna alegoria da exclusão. Em Caldela, o herói se despedaça diante de um mundo em ruína. Em ambos, o fantástico não escapa da realidade: expõe suas fraturas.

Building the way

As reflexões de Flora Sussekind (2004) ajudam a compreender esse movimento ao evidenciar como a literatura brasileira contemporânea é atravessada por restos simbólicos, narrativas fragmentárias e personagens que emergem de zonas de colapso. Andréa Bellini (2021) amplia esse diagnóstico ao identificar, na fantasia brasileira, uma hibridez estética que mescla o mítico, o urbano e o cotidiano, produzindo um imaginário crítico e profundamente situado.

A fantasia, ao mobilizar essa rede de deslocamentos, torna-se uma linguagem liminar. Não oferece apenas mundos imaginários, mas formas de repensar o nosso. Ao recorrer ao estranhamento (como propôs Shklovsky), ao corromper pactos de realidade e ao reconfigurar a ética do herói, o gênero desestabiliza certezas e reinstala a pergunta sobre o que entendemos por verdade, por identidade e por experiência.

Em um mundo saturado por discursos normativos, polarizações e esvaziamento simbólico, a fantasia emerge como forma de resistência estética e epistêmica. Ela não busca anestesiar, mas inquietar. Convoca o leitor à imaginação crítica, à reconstrução de sentidos e à revisão das fronteiras entre o possível e o impossível.

Por isso, mais do que um gênero, a fantasia se apresenta como uma operação hermenêutica e política. Uma ferramenta para repensar o real e, talvez, reinventá-lo.

REFERÊNCIAS

- BELLINI, Andréa. **Narrativas híbridas: fantástico e cotidiano na literatura brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2021.
- CALDELA, Leonel. **O inimigo do mundo**. São Paulo: Jambô, 2004.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- MENDELSON, Farah. **Rhetorics of fantasy**. Middletown: Wesleyan University Press, 2008.
- NIKOLAJEVA, Maria. **Power, voice and subjectivity in literature for young readers**. New York: Routledge, 2010.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa: A configuração do tempo no relato histórico**. v. 1. Campinas: Papirus, 1994.

Building the way

SHKLOVSKY, Viktor. **Teoria da prosa**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

SUSSEKIND, Flora. **Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **Sobre histórias de fadas**. São Paulo: Conrad, 2006.

VIANCO, André. **Os sete**. São Paulo: Novo Século, 2000.

ZIPES, Jack. Why fantasy matters too much. In: ZIPES, Jack. **Fairy tales and the art of subversion**. 2. ed. New York: Routledge, 2007. p. 37–55.